



A difusão da cultura andina no Brasil¹

Denis Porto Renó²

UMESP/UNICOC

Caroline Petian Pimenta³

UMESP

Resumo

A cultura da classe subalterna tem sido vítima da globalização, que provoca a homogeneidade dos traços culturais. Porém, graças aos meios tecnológicos que acompanham essa globalização, alguns grupos têm conseguido manter e difundir seus traços culturais, através da chamada cultura de classe subalterna. O artigo aborda a difusão da cultura dos descendentes da sociedade pré-hispânica Inca no Brasil, tendo como recursos as ferramentas oferecidas pelo desenvolvimento da tecnologia digital, como a Internet e a produção digital. Com a conclusão do artigo, espera-se poder contribuir com novos trabalhos relacionados com o tema, em especial à cultura andina.

Palavras-chave: folkcomunicação, cultural popular, cultura latino-americana.

Introdução

Os traços culturais pré-hispânicos são marcantes por suas cores e ritmos, diferentes das ocidentais trazidas pelos espanhóis na conquista da América, no final do século XV. Na ocasião, novos traços culturais foram trazidos e impostos às civilizações existentes no continente, com o objetivo de fortalecer a dominação e enfraquecer o passado destes povos, além de direcionar a cultura local para um formato que agradasse aos que vieram ao “novo mundo” com a missão de colonizá-lo.

¹ Trabalho apresentado ao NP Folkcomunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Jornalista, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na UMESp, pesquisador na linha de Comunicação especializada, sobre Novas Tecnologias Digitais. Professor do curso de Jornalismo da UNICOC. E-mail: denis.reno@terra.com.br

³ Caroline Petian Pimenta é jornalista formada pela UniCOC, em Ribeirão Preto, é mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESp e bolsista CNPq. E-mail: petian@click21.com.br



Porém, a cultura de um povo é muito mais do que uma simples manifestação. Ela está presente no inconsciente coletivo da sociedade, e quanto mais organizada, mais fortes são suas raízes. E essas características existiam na civilização Inca, possibilitando sua sobrevivência por séculos de domínio e extermínio espanhol.

A luta pela sobrevivência da cultura existe até os dias de hoje, agora livres do domínio espanhol, mas ainda vítima da globalização cultural, que tem provocado uma homogeneidade de diversos traços culturais, com a construção massiva de costumes e linguagens dominantes, tendo como dominadora a cultura de elite. Este domínio é apoiado nas novas tecnologias e na estrutura midiática.

Mas a evolução tecnológica e a diversidade midiática têm sido, ao mesmo tempo, aliadas da resistência de alguns traços culturais dos subalternos. Com a facilitação da produção midiática pela tecnologia digital e a difusão da Internet como meio fundamental para a comunicação, grupos sociais passaram a ter acesso e condição de difusão de suas tradições artísticas e culturais. Seus costumes, suas danças, suas crenças, enfim, sua cultura popular passou a ser difundida com maior facilidade pelos meios alternativos de comunicação e pela organização social fomentada por esses meios.

A cultura andina seguiu por esse caminho, assim como outras culturas. Porém, os descendentes dessa cultura demonstraram grande organização para que isso acontecesse com êxito, deixando sua cultura presente em importantes cidades de diversos países. No Brasil, por exemplo, muitas cidades tiveram artistas representantes da cultura Inca como visitantes temporários ou moradores permanentes. Esses artistas divulgam a musicalidade e a poesia Inca, assim como a riqueza em cores e a alegria de seus ancestrais, e utilizam-se de recursos multimidiáticos para que isso possa acontecer de forma mais ampla.

O artigo aborda de forma inicial esse resgate da cultura andina por seus descendentes, servindo de prévia para uma futura pesquisa de Doutorado e tendo como estudo de caso a Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco, com sede na cidade de São Paulo e que agrega participantes do Brasil e de outros países. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas consultas no endereço eletrônico da instituição e entrevistas por telefone. Ainda no quesito metodologia, foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais a fim de compreender a comunicação deste grupo social e discutir tais ações comunicacionais. Por fim, foram realizadas entrevistas para uma



pesquisa qualitativa com pessoas que acompanharam esses grupos difusores da cultura andina, com o objetivo de retratar os resultados dessa divulgação.

Com o artigo, espera-se abrir espaço para futuras pesquisas acadêmicas no que tange a cultura da classe subalterna, assim como seus efeitos sociais na reconstrução cultural da grande massa. Para tanto, apoiou-se nos conceitos dos autores Maria Nazareth Ferreira, Antonio Gramsci, José Marques de Melo, Luiz Beltrão, Theodor Adorno e Marshal McLuhan, ambos relacionados com o tema do trabalho em questão.

Os predadores da cultura pré-hispânica

A América Latina foi, um dia, habitado pelos povos pré-hispânicos, encontrados desde o México até o Chile, divididos em três grupos: Incas, Maias e Astecas, todos subdivididos em grupos menores e com características pessoais, tanto culturais quanto comportamentais, apesar de existirem importantes semelhanças entre a cultura Inca e Asteca, como pôde ser visto no Museu Nacional de Antropologia, na Cidade do México, naquele país, exposto em setembro de 2005. A mostra revela semelhanças importantes entre as duas culturas, vítimas do mesmo dominador.

Com a “descoberta” da América, o domínio espanhol foi se alastrando, devastando inicialmente a cultura Asteca, seguindo para os Maias e, por fim, contra os Incas. Apesar das armaduras e lanças espanholas, a maior das armas refere-se à destruição cultural desses povos, como é descrito em uma das páginas de abertura do endereço eletrônico da “Instituição Cultural Machu Pichu-Cuzco”, que diz:

Quinientos años hace y otros más..., el fértil territorio desprendido de la noche, donde la mujer hilaba el arco iris, fue invadido por unos extraños monstruos alienígenas, centauros depredadores mitad armadura y mitad caballo, que se alimentaban de oro y tenían los ojos en la nuca para mirar lo que no pueden ver: el futuro impredecible. Por mas de quinientos años los alienígenas, comerciantes de la Fe y la esperanza, nos robaron casi todo: la Identidad, la Mente, la Libertad, la Vida, y el Espacio⁴.

⁴ Disponível em <http://www.brasilinkas.com.br/index2.htm>, acessado em 07/03/2006



No México, por exemplo, a primeira grande destruição pode ser vista na religiosidade, com o surgimento da padroeira daquele país, a Nossa Senhora de Guadalupe. A história conta que a imagem da santa foi encontrada por um índio Asteca, o que provocou a aproximação da igreja católica e uma inevitável catequização da população indígena daquele país.

Apesar de não existir a história da Nossa Senhora de Guadalupe no Peru, os espanhóis apropriaram-se da mesma técnica na região andina, catequizando os índios Incas na tentativa de destruir suas raízes culturais. Com isso, os invasores conseguiram dominar aquele povo, apagando o máximo de suas referências. Tal atitude é explicada por Ferreira, para quem:

A identidade de um sujeito individual ou coletivo é o compasso, a bússola que o orienta através da história. É por isso que qualquer projeto de dominação utiliza-se do controle psicológico do submetido. A destruição da identidade é o primeiro passo em qualquer tentativa de dominação: a colonização da personalidade.⁵

Por esse motivo, os espanhóis tentaram destruir toda e qualquer manifestação cultural do povo. Porém, alguns traços importantes foram preservados, mantendo um passado vivo e referenciado, marcando toda a região andina, apesar da catequização ter tido sucesso a ponto da religião católica ser hoje a de maior dominação tanto no Peru quanto no México.

Traços sobreviventes da cultura Inca

Antes de discutir sobre os traços existentes da cultura andina, é preciso entender o que é cultura. Para García Canclini (*apud* Ferreira, 1997, p.23), “cultura é o conjunto de processos material simbólicos através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social”.

A definição sobre cultura é expandida pelo conceito gramsciano, o conceito de cultura pelos elitistas é o saber enciclopédico, especulativo aos grandes talentos. Com isso, conclui que cultura é um processo de conservação e renovação constante somente

⁵ (FERREIRA, 1993, p. 44)



na prática social⁶. Ao mesmo tempo, McLuhan define um retrato sobre cultura, à época, como:

Nada mais é característico da gente culta do que a suposição de que a diferença entre cultura popular e cultura de elite reside no tipo de produto que consome. Ele toma isso como garantia de que “pelos *cornflakes*, sim, é possível conhecê-los”, não “por seus frutos”.⁷

Segundo Beltrão (2005, p.68), o processo de comunicação sobre cultura envolve uma diversidade de elementos, como “os folhetos de cordel, as cantorias, os contos, as danças, os autos populares, a talha, a cerâmica.” Neste grupo, enquadram-se as características da cultura andina, categorizando-a, inclusive, como cultura de classe subalterna.

O artesanato andino é marcante e característico, com semelhanças marcantes nos artefatos artísticos produzidos pela civilização Asteca. Tal artesanato ainda é cultivado no Peru, especialmente na região andina, também para alimentar uma indústria turística que ganha cada vez mais importância naquele país.

Mas a característica com maior força representativa está na música dos Andes. No Peru, a música relaciona-se fortemente com as manifestações populares, além de simbolizar a cultura Inca em diversas outras culturas. Tal discussão é provocada por Salles (1997), que apresenta, inclusive, entrevistas com músico peruano. Segundo a autora:

A música do Peru tem especial importância na vida cotidiana da população, visto estar fortemente presente no desenvolvimento de atividades agrárias, comunitárias e sociais. Criou-se, desse modo, uma cultura musical própria, estreitamente ligada às vivências de seu povo, sendo por isso parte de sua identidade cultural.⁸

Acredita-se que a música andina atual é resultante da mistura entre a música espanhola e a andina, basicamente. Porém, percebe-se nesta uma diferença marcante quando comparada com a espanhola. O que percebe-se, contudo, é que a música andina

⁶ (FERREIRA, 1997, p.29)

⁷ (MCLUHAN, 2005, p.36)

⁸ (SALLES, 1997, p. 111)



é responsável por parte da transmissão da cultura andina entre as gerações, ora por sua poesia, ora por sua alegria. E, apesar da força da globalização cultural que vive o mundo, tais ritmos ainda são encontrados com frequência naquele país.

A cultura andina no Brasil

A cultura andina está indiretamente ligada com a brasileira, principalmente na região amazônica. A proximidade das regiões e um número expressivo de rádios peruanas que invadem as residências amazonenses provocam uma permanência de traços culturais andinos na região. Mesmo em regiões mais afastadas, pode-se encontrar algo que remete aos Andes, como a alegria natural dos dois povos.

Essa cultura também aparece no Brasil graças aos artistas peruanos que divulgam sua musicalidade em diversas cidades brasileiras, presentes em praças importantes ou em locais onde a apresentação musical é livre e o acúmulo de pessoas é intenso. Grupos se apresentam da mesma forma, com semelhante repertório e constroem, assim, uma nova indústria cultural, difundindo sua cultura pela música e sobrevivendo deste produto, combatendo, sob certo ângulo, a dominação cultural promovida pelo neoliberalismo.

No neoliberalismo, a cultura é transnacional: não obedece a fronteiras e é transformada em mercadoria, criando, para o próprio neoliberalismo, uma profunda contradição entre os mercados regionais, os quais precisam ser preservados e a necessidade de homogeneização do gosto e dos bens culturais.⁹

Mas, apesar de tenta combater a supremacia cultural empregada pelo neoliberalismo, a cultura andina utiliza-se de ferramentas alternativas e folkmediáticas, graças à tecnologia desenvolvida pelo próprio neoliberalismo, inclusive. A tecnologia digital é uma importante aliada nessa luta, pois os grupos da cultura musical andina que se apresentam no Brasil, de forma “mambembe”, comercializam CD’s, reproduzidos facilmente sem a necessidade do envolvimento de gravadoras profissionais.

Em pesquisas de campo, foram acompanhadas apresentações de diferentes grupos musicais andinos, provenientes do Peru, em cidades distantes e de várias regiões.

⁹ (FERREIRA, 1997, p. 23)



Na praça da república, na cidade de São Paulo, apresentações são realizadas constantemente, como se o local fosse um palco permanente dessa cultura naquela cidade cosmopolita. Os músicos se reúnem aos sábados e montam seus instrumentos, com caixas de som portáteis, teclados, bateria eletrônica, violões e flautas diversas, e começam a tocar suas músicas. No repertório, estão sempre presentes as canções “El Condor Pasa” e “Guantanamera”, uma referenciando o símbolo dos Andes e a outra mostrando o ritmo popularizado por artistas globalizados. Nos intervalos, os músicos oferecem seus CD’s para os presentes. Da mesma forma, outros grupos se apresentam em cidades como São José dos Campos, Campinas e Ribeirão Preto, localizadas no interior do Estado de São Paulo, ou em cidades litorâneas que possuem forte movimentação turística, como São Sebastião, Caraguatatuba, Ilhabela e Guarujá.

Segundo o entrevistado Pedro Celso Julião, que acompanhou duas apresentações deste grupo na cidade de São Sebastião, litoral norte de São Paulo, a presença desses grupos é marcante pela música. “Estávamos passeando no centro velho da cidade, numa feira de artesanatos, e nós paramos, pois minha esposa gosta das músicas. Ela acabou comprando dois ou três CD’s. O que mais me chama a atenção é o fato de serem somente homens com roupas típicas e oferecem os produtos cantando, sem forçar a compra”.

Outra entrevistada que acompanhou apresentações do tipo foi Rose Ferreira de Castilho. Os músicos se apresentaram em frente ao Hipermercado Carrefour, na cidade de São José dos Campos, em 2004, com seus instrumentos. No final, um dos músicos ofereceu o CD “Espiritu Inka”, com característica instrumental e fiel às tradições musicais do folclore andino. “Eu ouvi os músicos tocando suas flautas e resolvi comprar um CD”, disse. A mesma entrevistada acompanhou diversas apresentações de grupos andinos na praça da República, cidade de São Paulo. O grupo, ao se apresentar, fica rodeado de pessoas interessadas em ouvir e conhecer a cultura andina através da música e contando para outras pessoas sobre o espetáculo latino-americano.

O entrevistado Adriano Bono Rosa presenciou uma apresentação de músicas andinas no centro da cidade de Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo. Na ocasião, apenas um músico se apresentava, tocando flautas andinas, acompanhado de uma bateria eletrônica programada. Rodeado de pessoas, o músico vendia seus CD’s para os que passavam e se interessavam. “Eu estava só passando, por isso não comprei o CD. Eu achei interessante, mas estava com pressa. Mas era uma atração cultural, onde a pessoa ganha seu dinheiro. Chamou muito a minha atenção”, disse Adriano. O



entrevistado também assistiu a uma apresentação de música andina na cidade de Itanhaém, litoral sul do Estado de São Paulo. Na ocasião, parou para assistir o grupo, que também vendia seus CD's. “Em Itanhaém eu também presenciei um grupo tocando suas músicas, e parei para assistir. Era carnaval, e o show servia de atração para os turistas. Eu acho que muita gente comprou CD”, concluiu.

Mas a presença andina percorre o país por diversas regiões. Foram presenciadas, durante essa pesquisa, apresentações de grupos andinos nas cidades de São Mateus (interior do Estado do Espírito Santo), Porto Seguro (litoral do Estado da Bahia), Brasília (capital do Brasil), Rondonópolis (interior do Estado de Mato Grosso), com apresentações que respeitam o mesmo formato, como se todos se reunissem e combinassem os itinerários os rituais de apresentação. Com a presença constante em cidades diversas, a cultura andina acaba por participar da memória, e indiretamente da cultura, mesmo que de forma pouco intensa.

A Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco

O *jamming* cultural¹⁰, a interferência provocada pela globalização tem sofrido resistência de determinados grupos socio-culturais. Um exemplo claro dessa resistência é a Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco, que reúne de forma virtual diversos artistas que repercutem a cultura andina pelo Brasil e por outros países. E, para que isso ocorra de fato, o grupo utiliza-se de um dos maiores aliados da globalização neoliberal: a tecnologia.

Com a tecnologia, tornou-se fácil a reprodução de cd's, que são vendidos nos locais onde os artistas do Instituto se apresentam. Através da Internet os participantes da Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco divulgam seus trabalhos e sua existência, da mesma forma que são revelados no endereço virtual os traços culturais e turísticos da região andina, com fotos do Lago Titicaca, de Machu Pichu e da Cordilheira dos Andes. Já dizia McLuhan (2005) que “os artistas sempre souberam que qualquer forma de arte tem o poder de impor seus próprios pressupostos ao espectador. Qualquer meio de

¹⁰ Interferência cultural provocada pela globalização cultural provocada pelos meios de comunicação de massa, que padronizam a cultura das classes sociais subalternas de acordo com interesses econômicos e políticos da elite, como defendida por Fernández (2005) em artigo apresentado durante a V Bienal Ibero-americana de Comunicação, México.



comunicação é, como uma forma de arte, uma extensão de um ou mais de nossos sentidos.”¹¹

Tal extensão de sentidos utilizada pela arte é evidenciada no site da Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco, que busca levar ao visitante virtual os traços culturais desse grupo popular através de música e imagens características. No site, também são vendidos instrumentos musicais andinos, cd’s e dvd’s de artistas da Instituição.

O site da Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco possui um espaço para divulgação da cultura andina, revelando obras artísticas, escolas de arte andina, ensinando a tocar os instrumentos musicais tradicionais, além de divulgar os artistas consagrados e os eventos realizados em diversas regiões do Brasil.

Outra seção interessante no site é uma seção turística, que subdivide-se em link’s de turismo de aventura, tradicionais e uma página com diversas coleções fotográficas sobre a Cordilheira dos Andes, os picos nevados do Peru, Machu Pichu e Lago Titicaca. Por fim, o site da Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco oferece ao visitante link’s com diversos endereços virtuais de artistas participantes. Quando visitado, o site possuía quinze artistas participantes, pertencentes de diversas nacionalidades., que se beneficiam com a divulgação. O site da Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco é divulgado em todos os produtos comercializados, inclusive os cd’s vendidos nas apresentações em locais públicos.

Conclusões

Os resultados do neoliberalismo, da globalização dos traços culturais, enfim, a força dos meios de comunicação de massa tem provocado um *jamming* cultural, onde a cultura se transforma graças à intromissão cotidiana de culturas externas. Porém, os mesmos meios que possibilitam tais “transformações” culturais têm possibilitado a sobrevivência e a difusão de culturas de classes subalternas, que ganham força graças a esses novos ambientes de comunicação “quase” massiva (a Internet possui um potencial massivo, mas não o faz por ser, ao contrário, uma ferramenta segmentadora de conteúdo) e divulgam seus traços a quem tiver interesse em conhecer.

¹¹ (MCLUHAN, 2005, p. 39)



Ao mesmo tempo, com a pesquisa, ficou claro que é possível se organizar para divulgar uma cultura popular, o que fortalece as possibilidades de sobrevivência das mesmas. É o que acontece com a Instituição Cultural Machu Pichu – Cuzco, que demonstra claramente uma organização socio-cultural promotora da difusão da cultura andina. O próprio povo andino, como uma herança da organização impecável de seus ancestrais Incas, parece possuir em seus traços culturais tal organização. Afinal, seus grupos musicais e seus artistas divulgam seus trabalhos da mesma forma, mantendo, assim, essas tradições vivas por diversos locais.

Ao contrário com o que ocorre com outros grupos subalternos, os descendentes do povo Inca difundem a cultura andina de tal forma que pode ser considerada, inclusive, um *jamming* cultural, uma interferência em outras culturas. A cultura andina ganha tanta força com tal organização, que além de manter-se fielmente viva entre seus descendentes, ainda consegue participar de outros grupos culturais. Até o grupo globalizador neoliberalista mais dominador, a cultura norte-americana, já foi vitimada por tal difusão, quando a dupla de música pop “*yankee*” Simon and Garfunkel regravou o folclore andino El Condor Pasa, que homenageia a ave símbolo da Cordilheira dos Andes e da cultura andina, considerada sagrada pelos descendentes dos Incas.

Percebe-se, por fim, que a tecnologia ofereceu força a essa organização, com a criação de espaços virtuais para divulgação da cultura andina e uma maior facilidade de reprodução das obras musicais e artísticas dos descendentes ou admiradores da civilização Inca e sua cultura remanescente, sobrevivente, inclusive, do primeiro *jamming* cultural do continente americano: a invasão espanhola.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W.. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e terra, 2002.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

FERNÁNDEZ, Florencio. Interferencias en la transmisión: aproximación teórica al *culture jamming*. Anais da V Bienal Ibero-americana de Comunicação, Cidade do México, 2005. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Maria Nazareth. Cultura, globalização e turismo, *In* FERREIRA, Maria Nazareth (org). Cultura subalterna e neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina. São Paulo: CELACC, 1997.



FERREIRA, Maria Nazareth. Identidade cultural: resistência ou dependência? (notas acerca da construção da identidade cultural), *In Comunicação & Política na América Latina*. São Paulo:CBELA, 1993.

MCLUHAN, Stephanie & STAINES, David (orgs). McLuhan por McLuhan. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SALLES, Denise. A dissonância do neoliberalismo, *In FERREIRA, Maria Nazareth (org).* Cultura subalterna e neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina. São Paulo: CELACC, 1997.

Webgrafia

Site Brasil Inka. Disponível em <http://www.brasilinkas.com.br>, acessado em 07/03/2006.